

# FHC? Não conheço

JORNAL DE BRASÍLIA

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

12 MAR 1995

Assim se passaram 10 anos, como no antigo bolero de Emilinha Borba. Neste país sem memória — que tem raiva do passado e, mais ainda, de quem o recorda — é quase uma ofensa lembrar que na próxima terça-feira transcorre a primeira década daquele distante e dramático 14 de março de 1985, em que o presidente eleito da República, Tancredo de Almeida Neves, foi internado às pressas no Hospital de Base. Era a véspera de sua posse na Presidência, marcada para o dia seguinte. E o início de uma agonia com várias operações até o falecimento, a 21 de abril, no Instituto do Coração, em São Paulo — além de levar ao poder, por cinco anos, o seu vice José Sarney.

Na antevéspera do transcurso desse décimo aniversário da internação de Tancredo e da ascensão de Sarney, é menos importante lembrar os fatos em si, que ainda estão na memória de (quase) todos. O mais significativo nos parece ser a reflexão sobre um notável fenômeno da civilização brasileira, que é o processo de esquecimento nacional e a sua influência negativa sobre as novas gerações.

A tradição de raiva ao passado e de vontade comum de esquecer-lo é antiga e bem enraizada no Brasil.

Rui Barbosa mandou queimar os documentos da escravidão negra. Ouso afirmar que existe o culto à amnésia nacional. Refletir sobre o ontem é considerado, de modo geral, perda de tempo ou falta do que fazer. O historiador é, antes de tudo, um chato — quando não um sujeito inconveniente, ao lembrar que hoje se repetem tolices e erros do passado: Em suma, um tipo exótico a ser cortesmente evitado.

O grande fator que favorece, de maneira notável, o crescimento dessa filosofia anti-História é o velozíssimo processo de rejuvenescimento nacional. Afonso Arinos dizia, ironicamente, que de seis em seis meses surgia uma nova geração literária em Minas. Em paralelo, poderíamos dizer que, de seis em seis anos surgem novas gerações no cenário brasileiro. E elas não têm culpa de encontrar um país despreocupado com as lições e os ensinamentos do passado.

Resultado: a juventude que hoje está no segundo grau ou no início do curso universitário tinha de sete a nove anos de idade quando Tancredo adoeceu e morreu, e Sarney iniciou seu governo. Para esses milhões de jovens, Tancredo é uma figura tão remota quanto o marechal

Deodoro ou Machado de Assis. Está perdido “nas brahamas e nas brumas, nas antarcticas espumas” do tempo, paradiando o poeta Vinícius de Moares — outra figura que certamente é um ilustre desconhecido das novíssimas gerações.

Pode-se argumentar que o fenômeno não é só brasileiro. Há alguns anos o mundo foi escandalizado por uma enquete entre jovens da França para conhecer seu pensamento sobre Hitler. Uma grande parte dos franceses respondeu assim aos entrevistadores: “Não o conheço”. Essas comparações, portanto, servem apenas de pobre consolo, nada mais.

Na semana em que transcorre o décimo aniversário da frustrada posse de Tancredo e do início do governo Sarney, os ministros da Educação e da Cultura do presidente FHC poderiam refletir sobre o processo de “desmemorialização” nacional e indagarem a si mesmos se haverá graça nessa cândida resposta que um universitário brasileiro poderá dar a uma pesquisa, daqui a 10 anos: “Fernando Henrique Cardoso? Não conheço”.

■ Luiz Adolfo Pinheiro é editor de Opinião